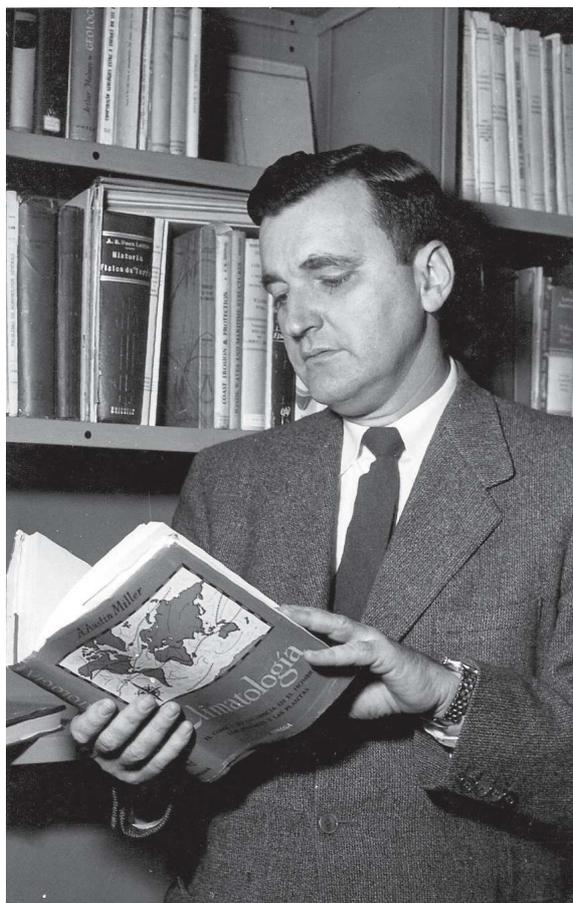


Hilgard O'Reilly Sternberg (Rio de Janeiro, 1917- Fremont, 2011)



Arquivo: Maria do Carmo Corrêa Galvão, UFRJ.
Prof. Hilgard O'Reilly Sternberg na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Hilgard Sternberg se tornou Professor Catedrático de Geografia do Brasil da Universidade do Brasil com menos de 40 anos, com a tese “A água e o homem na várzea do Careiro” (1956), marco fundamental de suas pesquisas sobre a geografia e ecologia humana da Amazônia, e que inaugurou a tradição de estudos amazônicos no atual Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na segunda metade da década de 1960 foi convidado a ser professor da Universidade da Califórnia em Berkeley (EUA). Formou vários pesquisadores, principalmente em temas referentes à Amazônia Brasileira, tendo sido agraciado posteriormente com o título de Professor Emérito pela mesma universidade.

Durante sua longa e produtiva vida acumulou diversos títulos e honrarias: Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Toulouse (França); Professor Emérito da UFRJ; membro da Academia Brasileira de Ciências, do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro e de várias associações científicas estrangeiras -francesa, alemã e inglesa, além de ter sido agraciado pelo governo brasileiro com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico.

Sem dúvida foi uma figura polêmica, o que, aliás, era muito do seu agrado. Embora intransigente defensor da reforma agrária no Brasil, desde o início de sua carreira foi

considerado como um intelectual conservador da “direita” católica entre muitos de seus colegas e alunos na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Apesar de ser declaradamente anticomunista, o professor exigia de seus alunos a leitura das obras de Caio Prado Jr., assim como de destacados geógrafos franceses considerados de esquerda, entre outros, Pierre George e Michel Rochefort. Numa época de intensos debates ideológicos gostava de provocar alunos e colegas que discordavam de suas ideias políticas, convencido, é claro de que a razão estava do seu lado!

Quem teve contato com o Departamento de Geografia da antiga Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) da Universidade do Brasil, atual UFRJ, nas décadas de 1950 e 1960, certamente tem lembranças marcantes de Hilgard Sternberg. Dava vida ao Curso de Geografia. Sua habilidade em rapidamente desenhar perfis e “blocos-diagrama” no quadro negro, apresentando, por exemplo, a evolução do relevo do Nordeste brasileiro permanece na memória de muitos de seus ex-alunos. Com esse tipo de recurso estimulava a imaginação geográfica e compensava a pobreza de material didático disponível na faculdade. Outra iniciativa de grande ajuda para os alunos era a produção de pequenas apostilas sobre diversos temas da geografia brasileira, que ficaram conhecidas pelas duas primeiras palavras do texto, assim como as bulas papais... Trabalhos despreziosos como esses ajudavam a preencher o vácuo de artigos e livros atualizados sobre a geografia do Brasil.

Era um pesquisador que se alimentava de desafios. Foi pioneiro na criação de um laboratório de pesquisas geográficas, numa época em que a pesquisa se concentrava no Conselho Nacional de Geografia (atual IBGE). Reivindicou um espaço para um centro de estudos, que acabou sendo instalado no último andar do prédio da Av. Pres. Antônio Carlos. Conseguiu o que queria à custa de muita determinação e, também, de criatividade: as negociações envolveram até a troca de mapotecas por espaço no terraço do prédio que pertence atualmente ao Consulado da Itália. Foi buscar o apoio da Fundação Rockefeller para montar a excelente biblioteca no 9º andar da FNFi e para comprar uma camionete que permitisse aos professores e pesquisadores realizarem os trabalhos de campo. Foi recompensado por seus esforços com a criação do Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil - CPGB.

Eleito Secretário Executivo da União Geográfica Internacional (UGI) organizou em agosto de 1956, com grande sucesso, o Congresso Internacional de Geografia. Pela primeira vez, a UGI se reuniu em um país fora do eixo Europa- América do Norte, um “país tropical”, como disseram os visitantes estrangeiros. Sempre preocupado com a formação dos geógrafos e docentes brasileiros, organizou, após o evento, o Curso de Altos Estudos Geográficos, com renomados geógrafos estrangeiros que haviam participado do Congresso.

Articulava a vinda de professores estrangeiros para fazer pesquisas de campo pelas estradas poeirentas do interior do Brasil. Entre eles podem ser mencionados Jean Roche (França) e Gottfried Pfeiffer (Alemanha), que tinham em comum o interesse pela colonização europeia no país e pela expansão de frentes e zonas pioneiras - o primeiro no Espírito Santo, e o segundo no vale do Itajaí, em Santa Catarina. Os alunos que participaram desses trabalhos de campo guardam ótimas lembranças da convivência com esses professores e com o professor Hilgard. Podiam observar a técnica deste último ao conversar

com indivíduos de todos os estratos sociais, lidar com imprevistos e estimular os participantes mais jovens a fazer suas observações.

Sua trajetória científica foi profundamente marcada pela escola alemã de geografia e de seus seguidores nos Estados Unidos, principalmente da geografia da paisagem (Otto Schlüter) e da geografia cultural (Carl Sauer, também professor da Universidade de Berkeley), este último, discípulo do grande antropólogo e geógrafo humanista Franz Boas. A importância que conferia ao trabalho de campo marcou várias gerações sucessivas de professores do Departamento de Geografia da UFRJ. Mas não se perdeu em um empirismo estéril. Ao contrário, seus trabalhos mostram, desde o início, uma consistente preocupação com o uso sustentável dos recursos naturais e a busca por harmonia entre as condições físicas e a ação humana que altera as feições do planeta. Desconfiava da ideologia “desenvolvimentista”, porém usava quando podia os avanços tecnológicos na medição de aspectos ambientais. Um exemplo foi o projeto que coordenou em 1963, envolvendo a Universidade do Brasil, a Marinha Brasileira e o U.S. Geological Survey, para medir pela primeira vez o fluxo de água e sedimentos do rio Amazonas.

Pesquisador exigente, possuidor de inesgotável curiosidade, Hilgard buscava respostas para as indagações desde as mais complexas até as mais simples, que surgiam no decorrer da pesquisa. Deixou inúmeros trabalhos que tratam em especial da Amazônia, das secas do Nordeste, do vale do Paraíba, sempre integrando os aspectos físicos e humanos.

Entre seus trabalhos publicados destacam-se: *Enchentes e movimentos coletivos do solo no vale do Paraíba em dezembro de 1948: influência da exploração destrutiva das terras* (Rev. Bras. de Geografia, ano 11, n. 2, p. 223-261, jan./mar. 1949); *A água e o homem na várzea do Careiro* (Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998[1956]); *Land and Man in the Tropics* (In *Proceedings of the Academy of Political Science XXVIII* (4), p.11-22, 1964); *Tentativas Expansionistas Belgas no Brasil: o Caso Descalvados* (In *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras. V. 2, pp. 655-667, 1988); *Transformações ambientais e culturais na Amazônia: algumas repercussões sobre os recursos alimentares da região* (In *Primeiro Simpósio do Trópico Úmido*, Brasília. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Anais, 6:43-61, 1990); *Waters and wetlands of the Brazilian Amazon: an uncertain future* (In Nishizawa, T. and Uitto, J. I. eds. *The Fragile Tropics of Latin America*, Tokyo, United Nations University, pp. 113-179, 1995); *Proposals for a South American Waterway* (In Mörner, M. and Rosendahl, M. eds. *Threatened Peoples and Environments in the Americas*, Stockholm, Institute of Latin American Studies, University of Stockholm, pp. 99-125, 1995).

Um pouco da vida pessoal de Hilgard transparecia através de contatos que tinham os alunos e colaboradores com alguns de seus familiares: a mulher Carolina, geógrafa vibrante e comunicativa; o filho adolescente, que às vezes acompanhava o pai em trabalho de campo nas proximidades do Rio; a “pequena Cristina” que aparecia nos relatos feitos sobre suas travessuras. Esse sentimento de família se estendia aos amigos e discípulos. Mesmo distante, Hilgard manteve os laços de amizade com antigos colaboradores. Era uma figura cativante.

Pequenas coisas vêm à memória quando se procura lembrar um mestre importante nos caminhos da vida profissional de muitos de seus alunos. Podem-se finalizar essas

reminiscências falando de como se encerravam as atividades diárias de uma excursão didática... Depois de um dia em que a obrigação era ir observando e registrando tudo ao longo do caminho, quando escurecia era hora de relaxar, e o senhor professor era capaz de se sair com uma cantoria em alemão (Tannenbaum, por exemplo) ou coisa similar!

Maria Helena Lacorte
Mariana Miranda
Maristella Brito
Lia Osorio Machado



Arquivo particular: Maristella Brito.

Trabalho de campo em Itajaí, Santa Catarina. Da esquerda para a direita: Lia Machado, Maristella Brito, Maria do Carmo Menezes (alunas da Universidade do Brasil/UFRJ), Prof. Hilgard Sternberg e Prof. Gottfried Pfeiffer (Universidade de Heidelberg). Foto tirada pelo Prof. Gerhard Kohlhepp (Universidade de Heidelberg), 1962.

